

As rivais

“Quando o SENHOR viu que Lia era desprezada, fez com que ela fosse fecunda, ao passo que Raquel era estéril.”

Gênesis 29.31 • NAA

Bispo Ildo Mello

Leitura prévia: Leitura prévia: Gn 29.31—30.24; Gn 49.8-10; Fp 4.11-13

A CASA

Duas irmãs, um marido e uma guerra

O que começou com um engano na noite do casamento virou um conflito de anos. Duas irmãs disputando o mesmo homem, e filhos usados como argumento.

Raquel é amada e não tem filhos. Lia tem filhos e não é amada. Cada uma possui exatamente aquilo que falta à outra, e nenhuma consegue se alegrar com o que tem. **É o retrato perfeito da inveja:** não a falta em si, mas a falta medida pelo que o outro possui.

“Dê-me filhos, do contrário morrerei”

Raquel cobra do marido o que só Deus pode dar (Gn 30.1). O desespero é real e merece compaixão, mas o endereço da cobrança está errado.

“Será que eu estou em lugar de Deus?”

Jacó responde irado (Gn 30.2). A frase é teologicamente correta e pastoralmente fria. Ele tem razão e, ainda assim, deixa a esposa sozinha na dor dela.

A partir daí a disputa escala. As servas Bila e Zilpa são entregues como instrumentos, sem que ninguém pergunte o que elas queriam. E o episódio das mandrágoras (Gn 30.14-16) mostra até onde a coisa chegou: **Lia compra uma noite com o próprio marido, pagando com as plantas que o filho trouxe do campo.** “Eu aluguei você”, ela diz. O marido, no meio disso tudo, apenas obedece.

Onde está Deus nesta cena? A narrativa não faz sermão. Ela conta, e deixa o leitor perceber a miséria: mulheres reduzidas a ventres, servas usadas, um homem passivo e crianças que nascem no meio de uma guerra. A promessa de Betel continua valendo, mas está sendo cumprida no lugar mais improvável do mundo.

O DIÁRIO DA GUERRA

Os nomes dos filhos

Em Gênesis, o nome que a mãe dá ao filho é uma frase inteira. Lidos em sequência, os nomes contam a história emocional da casa.

Rúben, Simeão, Levi

“O SENHOR viu a minha aflição”; “O SENHOR ouviu que eu era desprezada”; “Agora, desta vez, o meu marido se unirá mais a mim” (Gn 29.32-34). Três filhos e uma esperança que não se cumpre: os nomes de Lia falam do marido que ela quer conquistar.

Dã e Naftali

“Deus me fez justiça”; “Com grandes lutas tenho competido com minha irmã e consegui vencer” (Gn 30.6, 8). Raquel fala em vitória sobre a irmã. A linguagem é de competição, não de gratidão.

Issacar e Zebulom

“Deus me recompensou, porque dei a minha serva ao meu marido”; “Agora meu marido vai permanecer comigo, porque lhe dei seis filhos” (Gn 30.18, 20). Lia ainda mede tudo pela conquista do marido.

José

“Deus tirou de mim o meu vexame”, e logo: “Que o SENHOR me dê ainda outro filho” (Gn 30.23-24). Raquel enfim tem um filho, e mesmo assim já pede o próximo. A disputa não termina com a vitória.

UM DETALHE DO TEXTO

Quando o texto diz “o SENHOR” e quando diz “Deus”

Há uma alternância que passa despercebida em uma leitura rápida, mas que o texto original marca com clareza.

Em português, quando lemos “o SENHOR” em versalete, o hebraico traz o nome próprio de Deus, YHWH, o nome da aliança, aquele que a tradição judaica lê como *Adonai* por reverência. Quando lemos “Deus”, o hebraico traz *Elohim*, o termo geral para a divindade.

Agora observe onde cada um aparece nesta narrativa:

Onde aparece “o SENHOR”

“Quando o SENHOR viu que Lia era desprezada” (29.31). “O SENHOR viu a minha aflição” (29.32). “O SENHOR ouviu que eu era desprezada” (29.33). “Desta vez louvarei o SENHOR” (29.35). E, no fim, na boca de Raquel: “Que o SENHOR me dê ainda outro filho” (30.24).

Onde aparece “Deus”

“Deus me fez justiça” (30.6). “Com grandes lutas tenho competido com minha irmã” (30.8). “Deus me recompensou” (30.18). “Deus me concedeu excelente dádiva” (30.20). “Deus lembrou-se de Raquel” (30.22). “Deus tirou de mim o meu vexame” (30.23).

O padrão é sugestivo. **Enquanto as duas competem, o texto usa o termo geral.** É a linguagem de quem trata Deus como árbitro de uma disputa: quem venceu, quem foi recompensada, quem recebeu justiça. Mas quando o assunto é a mulher humilhada e vista em sua aflição, aparece o nome da aliança, o Deus que se compromete pessoalmente. E é justamente nele que Lia desembocará no quarto filho.

Uma nota de cautela. Este é um dado de observação, não um dogma. A alternância dos nomes divinos em Gênesis é discutida há séculos, e nem todo caso se explica assim. Mas aqui, no espaço de poucos versículos, a correspondência é bastante consistente e vale como convite à leitura atenta: o narrador não escolhe as palavras por acaso.

Esta observação está desenvolvida no estudo [As Rivals](#), do Bispo Ildo Mello.

O PONTO DE VIRADA

“Desta vez louvarei o SENHOR”

O quarto filho de Lia muda o tom. Os três primeiros nomes falavam do marido; o quarto fala de Deus (Gn 29.35).

Rúben, Simeão e Levi carregam a mesma esperança repetida: *agora ele vai me amar, agora ele vai se unir a mim*. Não funcionou. Então, no quarto, ela para de olhar para Jacó: **“Desta vez louvarei o SENHOR.”** E chama o menino de Judá, que quer dizer louvor.

É a primeira vez, em toda a cena, que alguém diz alguma coisa sobre Deus sem estar medindo o resultado contra a irmã. **Lia deixa de disputar e começa a adorar.** Não porque tenha vencido, mas porque encontrou algo maior do que a disputa.

O QUE DEUS FEZ COM ISSO

Do louvor de uma mulher preterida veio o Rei

“O cetro não se afastará de Judá” (Gn 49.10). De Judá viriam Davi e, no tempo certo, Jesus, “o Leão da tribo de Judá” (Ap 5.5). De Levi, o outro

filho de Lia, viria o sacerdócio. Sacerdócio e realeza saíram do ventre da mulher que ninguém escolheu.

Dois túmulos. Raquel, a amada, morre no caminho e é sepultada à beira da estrada para Efrata (Gn 35.19). Lia, a preterida, é sepultada na caverna de Macpela, ao lado de Abraão, Sara, Isaque e Rebeca, e é o próprio Jacó quem diz: “ali eu sepultei Lia” (Gn 49.31). No fim, o lugar de honra na história da aliança coube a ela.

PARA A NOSSA VIDA

A comparação rouba a alegria

Raquel tinha o amor do marido e não conseguiu desfrutar dele porque olhava para o ventre da irmã. Lia tinha filhos e não conseguiu desfrutar deles porque olhava para o coração do marido.

Quando a bênção do outro vira a nossa medida

A inveja não nasce da falta, mas da comparação. Quem mede a própria vida pela do outro nunca tem o suficiente. Paulo aprendeu o contrário: “aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp 4.11).

Quando usamos pessoas como argumento

Bila, Zilpa e as próprias crianças viraram peças de uma disputa entre adultos. Acontece em famílias até hoje, com filhos usados como prova numa briga que não é deles.

Quando cobramos de gente o que só Deus dá

“Dê-me filhos, do contrário morrerai.” Muita frustração conjugal nasce de esperar do cônjuge aquilo que nenhum ser humano pode entregar.

Quando enfim se aprende a louvar

A saída de Lia não foi vencer a irmã, e sim parar de disputar. “Desta vez louvarei o SENHOR.” O louvor é o que quebra o ciclo da comparação, porque tira os olhos do outro e os põe em Deus.

FIO DO CURSO

Deus cumpre a promessa dentro da nossa bagunça

As doze tribos de Israel nasceram desta casa: de duas irmãs em guerra, de duas servas usadas e de um pai passivo. Deus não abençoou o pecado da família, e o texto mostra o preço que ela pagou. Mas Ele também não desistiu da promessa de Betel por causa dele. É esse Deus que, na próxima aula, vai enfrentar Jacó no vau de Jaboque.

FIXAÇÃO

Cartões de memorização

Toque no cartão para ver o outro lado. Bom para revisar antes da avaliação.

GN 29.31

O olhar de Deus

“Quando o SENHOR viu que Lia era desprezada, fez com que ela fosse fecunda.” A única ação divina explícita no início da cena é a favor da preterida.

GN 30.1

O desespero de Raquel

“Dê-me filhos, do contrário morrerai.” Ela cobra do marido aquilo que só Deus pode dar.

GN 30.2

A resposta de Jacó

“Será que eu estou em lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?” Correto na teologia, frio no cuidado.

GN 30.8

A linguagem da disputa

“Com grandes lutas tenho competido com minha irmã e consegui vencer.” Raquel fala em vitória sobre a irmã, não em gratidão.

GN 30.16

As mandrágoras

“Eu aluguei você pelas mandrágoras de meu filho.” O ponto mais baixo da guerra doméstica.

GN 29.35

O ponto de virada

“Desta vez louvarei o SENHOR.” Judá quer dizer louvor: Lia para de disputar e começa a adorar.

GN 49.10

O que veio de Judá

“O cetro não se afastará de Judá.” Do quarto filho da mulher preterida vem a linha de Davi e do Messias.

GN 49.31

O túmulo de Lia

“Ali eu sepultei Lia.” Ela repousa em Macpela, com Abraão, Sara, Isaque e Rebeca; Raquel foi sepultada à beira da estrada (Gn 35.19).

AVALIAÇÃO

Teste o que você aprendeu

Cinco questões, com nota ao final. Cada alternativa traz um comentário assim que você escolhe, e errar aqui também ensina.

1. Qual é a raiz do conflito entre Lia e Raquel?

- **A esterilidade das duas**

Estéril era Raquel; Lia teve muitos filhos.

- **A pobreza da casa de Jacó**

A casa prosperou; o problema não era material.

- ✓ **Cada uma tinha aquilo que faltava à outra, e media a própria vida pela da irmã**

Sim. É o retrato da inveja: a falta medida pelo que o outro possui.

- **Uma disputa por herança entre as famílias**

Não há disputa de herança na narrativa.

2. O que a resposta de Jacó em Gênesis 30.2 revela?

- **Que ele não acreditava em Deus**

Ao contrário: ele reconhece que a fecundidade vem de Deus.

- ✓ **Que ele tinha razão na teologia e faltou no cuidado com a esposa**

Exatamente. A frase é verdadeira e, ainda assim, deixa Raquel sozinha na dor.

- **Que ele culpava Lia pelo problema**

Ele não menciona Lia nessa resposta.

- **Que ele pretendia se separar de Raquel**

Nada no texto sugere isso.

3. O que se observa na alternância entre “o SENHOR” e “Deus” nesta narrativa?

- ✓ **“O SENHOR”, o nome da aliança, aparece ligado à mulher humilhada e vista; “Deus”, o termo geral, aparece na linguagem da competição**

É o padrão que o texto sugere, e é um convite à leitura atenta, não um dogma.

- **Trata-se apenas de variação de estilo, sem qualquer sentido**

A correspondência, neste trecho, é consistente demais para ser ignorada.

- **“Deus” indica o Pai e “o SENHOR” indica Jesus**

A distinção do Novo Testamento não se aplica dessa forma ao texto hebraico.

- **A tradução escolheu os termos ao acaso**

Os termos traduzem palavras hebraicas distintas: YHWH e Elohim.

4. Por que o nascimento de Judá é o ponto de virada da cena?

- **Porque foi quando Jacó passou a amar Lia**

○ texto não registra essa mudança.

- **Porque Raquel desistiu da disputa**

Raquel continua disputando, e ainda pede outro filho em 30.24.

- **Porque Lia finalmente venceu a irmã**

○ sentido é o oposto: ela para de disputar.

- ✓ **Porque Lia deixa de falar do marido e diz: “Desta vez louvarei o SENHOR”**

Sim. Os três primeiros nomes falavam de Jacó; o quarto fala de Deus, e Judá quer dizer louvor.

5. Que desdobramento a Bíblia dá à história de Lia?

- **Ela desaparece da narrativa sem deixar marca**

Ao contrário: ela é a mãe de metade das tribos.

- ✓ **Dela vieram Levi, de quem veio o sacerdócio, e Judá, de quem veio o Rei**

Sim. E Jacó a sepultou em Macpela, com os patriarcas (Gn 49.31).

- **Ela se tornou a esposa preferida de Jacó**

○ texto nunca diz isso.

- **Seus filhos foram excluídos das doze tribos**

Todos os doze filhos de Jacó formam as tribos de Israel.

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

**Raquel tinha o amor e queria filhos; Lia tinha filhos e queria o amor.
Em que ponto da sua vida o senhor mede o que tem pelo que o
outro tem?**

A comparação é discreta e corrói por dentro. Vale identificar a pessoa concreta com quem nos comparamos, porque é aí que a inveja se instala, e não em abstrato.

“Dê-me filhos, do contrário morrerai.” O que temos cobrado de pessoas que só Deus pode dar?

Muita frustração no casamento, na amizade e até na igreja nasce de esperar de alguém aquilo que nenhum ser humano entrega. A resposta de Jacó estava teologicamente certa e pastoralmente fria: vale perguntar também como respondemos a quem sofre.

O texto usa “o SENHOR” quando fala da mulher humilhada e vista, e “Deus” quando as irmãs medem vitórias. O que isso sugere sobre como falamos de Deus quando estamos competindo?

Quando disputamos, tendemos a tratar Deus como árbitro que dá razão a alguém. Quando somos vistos em nossa aflição, encontramos o Deus da aliança, que se compromete pessoalmente. É a diferença entre usar Deus e conhecer Deus.

Lia só encontrou paz quando parou de tentar conquistar o marido e disse: “Desta vez louvarei o SENHOR.” O que, na sua vida, precisa deixar de ser disputa para virar louvor?

Ela não venceu a irmã, apenas parou de disputar. O louvor tira os olhos do outro e os põe em Deus, e é isso que quebra o ciclo.

De Lia vieram Levi e Judá, o sacerdócio e o Rei. Que sinal isso é para as pessoas preteridas da nossa comunidade?

Deus escolhe frequentemente por onde ninguém olharia. A igreja que aprende isso passa a procurar dons exatamente onde a comparação humana já descartou.

As rivais · Bispo Ildo Mello · Igreja Metodista Livre do Brasil